

Almanaque do **Futuro**

EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 24



**PUKYU PAMBA
VIVÊNCIA INTERCULTURAL**



PUKYU PAMBA - VIVÊNCIA INTERCULTURAL

Turismo vivencial ou vivência intercultural, praticada por empreendimentos familiares e associativos que permitem à comunidade Karankis de San Clemente, no norte dos Andes equatorianos, viajar pelo mundo estando em casa, ao mesmo tempo que gera receitas que beneficiam ao coletivo. O visitante não fica no superficial de observar a paisagem, mas experimenta uma convivência pessoal com a cultura, o local, seu povo e a cosmovisão andina.

Desde o início

“Tudo começou por uma necessidade nossa”, diz Manuel Guatemala no início de nossas conversas. Manuel vive na Comunidade Karankis de San Clemente, que está localizada no sopé de Taita Imbabura, morro vulcânico nas proximidades de Ibarra, ao norte do Equador, no meio do caminho de Quito para a fronteira com a Colômbia. Pukyu Pamba significa “pequeno lago na planície” e é o nome do lugar na comunidade onde Manuel vive com sua companheira Laura. Eles têm dois filhos, a filha está terminando seus estudos universitários em agronomia e seu filho vive com sua família na



Alemanha.

No final da década de 1990, o movimento indígena no Equador começou a exigir do Estado maior atenção à população do campo, em sua maioria indígenas. “Quando há uma necessidade, temos que começar a buscar a solução e decidimos abrir nossa casa e família para com-

partilhar nossas refeições, festas, costumes e nosso modo de vida com as pessoas visitantes”, lembra-se Manuel. “No início, tínhamos receio de receber visitantes de fora, ainda mais do exterior”. Uma ONG ligada à Igreja Católica (FEPP) acompanhou esse processo, pensado como empreendimentos familiares no campo de turismo vivencial. Duas cooperadoras, Susan e

Marietta, apoiaram o projeto desde o princípio, assim como Raúl Navas. Manuel e Laura mantêm até hoje uma proximidade com Susans e são compadres já que Susan é a madrinha de Laurita, a filha do casal.

Empreendimentos familiares para o benefício de todos

São várias famílias que oferecem hospedagem, recebendo visitantes que desejam conhecer não só a paisagem mas o local, a cultura andina, o modo de vida e a essência daqueles que vivem aqui. Das 175 famílias que compõem a comunidade de San Clemente, 16 se dedicam atualmente para hospedar visitantes. Outros alugam cavalos para passeios com guias locais. Jovens da comunidade se organizaram, alugam bicicletas montanheiras e prepararam passeios em bicicleta, existem grupos de artesãos que vendem seus ofícios, principalmente bordados. Existem também grupos de música típica. Manuel estima que metade das famílias da comunidade participa com alguma atividade ou serviço na atividade de turismo, obtendo algum rendimento. As famílias com hospedagem contribuem com uma



“Quando há uma necessidade, temos que começar a buscar a solução e decidimos abrir nossa casa e família para compartilhar nossas refeições, festas, costumes e nosso modo de vida com as pessoas visitantes”



pequena parte para as autoridades do Cabildo, que é a organização da comunidade. O recurso também é investido no bem comum da comunidade: compra de material didático para a escola, infra-estrutura comunitária e outros. As famílias, para a alimentação dos hóspedes, procuram não ser completamente auto-suficientes, pois todas as famílias possuem sua agricultura em pequena escala, pomar e criação de animais. Você sempre compra parte dos ingredientes para a comida andina dos vizinhos. Há consciência de fazer toda a comunidade participar do que possível para ganhar alguma coisa; o conceito de comida local saudável e caminhos curtos atende perfeitamente a este princípio.

Das 175 famílias que compõem a comunidade de San Clemente, 16 se dedicam atualmente para hospedar visitantes. Outros alugam cavalos para passeios com guias locais. Jovens da comunidade se organizaram, alugam bicicletas montanheiras e prepararam passeios em bicicleta, existem grupos de artesãos que vendem seus ofícios, principalmente bordados.

Organização aberta e articulada com a comunidade

“Nós nunca quisemos formar uma organização rígida, fechada e com regulamentos”, diz Manuel. “Nós preferimos que seja algo aberto, aceito e autorizado pela comunidade e sua organização. Desta forma, é possível incorporar gradualmente mais famílias em diferentes atividades”. Pukyu Pamba tem capacidade para acomodar 6 visitantes. “Nós preferimos atender e conviver com poucas pessoas ao mesmo tempo. Com muitos visitantes ao mesmo tempo, a convivência é difícil e não há tempo para o encontro e a convivência compartil-

hada entre as culturas, e isso é o que o que buscamos. Além disso, existem outras famílias que querem acomodar os visitantes. As pessoas que nos visitam não chegam a um hotel, onde recebem a chave do seu quarto e pronto; aqui nós abrimos a porta de nossa casa, nossa família e nossa vida”. Para Manuel, mais do que um turismo comunitário, o que se busca é a vivência intercultural. “Para falar de turismo comunitário, toda a comunidade teria que participar. Isto ainda não alcançamos. O importante é que as famílias e grupos de jovens, artesãs, dançarinos e músicos podem se beneficiar economicamente e, a partir daí, contribuir para o benefício da comunidade”.

Compreender o lugar com seus habitantes em vez de ficar na superfície visitando as paisagens

As pessoas que visitam e se alojam em San Clemente vem principalmente por referência de outros viajantes que passaram por San Clemente. A troca de informações entre viajantes parece funcionar bem. Através da web, explica Manuel, vem menos de



Hospedagem turística

“Nós preferimos atender e conviver com poucas pessoas ao mesmo tempo.

Com muitos visitantes ao mesmo tempo, a convivência é difícil e não há tempo para o encontro e a convivência compartilhada entre as culturas, e isso é o que o que buscamos. Além disso, existem outras famílias que querem acomodar os visitantes. As pessoas que nos visitam não chegam a um hotel, onde recebem a chave do seu quarto e pronto; aqui nós abrimos a porta de nossa casa, nossa família e nossa vida”



Laura, companheira de Manuel

5% dos aproximadamente trezentos visitantes por ano. A grande maioria deles vêm de longe, da Europa, Canadá, também da Ásia. Normalmente, ficam por vários dias. Manuel confessa: “Não consegui viajar muito, mas eu conheci o mundo na minha casa, convivendo a vida diária com aqueles que nos visitam. Quando os visitantes falam de suas realidades e dos lugares onde eles vivem, durante a refeição, compartilhando o trabalho na fazenda ou durante passeios, escuto os problemas que existem no mundo e per-

cebo quanta riqueza nos cerca aqui onde vivemos com todas as famílias”.

Para a convivência é importante o respeito mútuo e a reciprocidade. “São mais os estrangeiros que buscam, além da paisagem, conhecer as pessoas, suas vidas, sua cultura, conhecer este lugar cheio de sentimentos, de identidade baseada na cosmovisão andina”, diz Manuel. “Com os visitantes nacionais às vezes é mais difícil. Penso que para muitas sociedades latino-americanas

“São mais os estrangeiros que buscam, além da paisagem, conhecer as pessoas, suas vidas, sua cultura, conhecer este lugar cheio de sentimentos, de identidade baseada na cosmovisão andina”, diz

ainda é um desafio viver encontros de horizontalidade, entre pares, entre índios e mestiços”. Quando se começou com o turismo experiencial em San Clemente, os indígenas não eram valorizados. Manuel e seu filho Atik, não se vestiam como indígenas. Manuel tinha uma carpintaria, e Atik queria ir para serviço militar. Foi a partir dessa experiência que eles redescobriram sua essência indígena, resgatando gradualmente esta parte da sua identidade.

De pioneiros a promotores

Laura e Manuel, Martha e Alfonso, e Zoila e Juan foram os primeiros casais em San Clemente que começaram com o turismo vivencial. No início havia muita oposição, principalmente de alguns líderes indígenas, porque naquela época os projetos deveriam ser comunitários, e ser algo planejado como um projeto familiar rompia com este princípio. Era algo novo mas mal visto, e as famílias pioneiras tiveram que lutar contra isso; no começo não foi nada fácil. As três famílias, depois de 16 anos, não se cansaram de convencer outras famílias a se animarem a investir nessa área.

“Queremos que nossas contribuições para o bem comum sejam reconhecidas como contribuição para o município. Desta forma, o dinheiro permanece na comunidade. Ainda é um sonho alcançar este acordo”, diz Laura.

Com frequência convidavam famílias que não possuíam uma base econômica consolidada ou que precisavam melhorar sua moradia, para começarem seus empreendimentos. São essas famílias que, após se convencerem, se desenvolveram com mais empenho.

“Penso que no início havia apenas três famílias. Outra coisa interessante é que eles se especializaram e isso lhes permitiu oferecer serviços de qualidade. Por exemplo, alguns alugavam cavalos, outros eram guias. Nessa época era algo novo e não bem visto no mundo indígena”.



Turismo vivencial

“Às vezes eu me pergunto o que fizemos aqui em San Clemente para despertar tanta curiosidade nos políticos e em pessoas importantes que desejam conhecer nossa experiência”, compartilha Manuel. “Nós temos construído um modo de vida, mas nunca pensei que isso fosse se constituir em uma experiência tão conhecida”. Mas na medida em que as experiências se tornavam mais conhecidas, os problemas e desafios também foram aumentando: requisitos e normas relativas a instalações sanitárias (banheiros e chuveiros), segurança, higiene e saúde; e também o pagamento de impostos e taxas ao município. “Não foi fácil cumprir todos estes requisitos. Em primeiro lugar, o setor público nos classificou como um hotel. Não entendiam o conceito de turismo vivencial. Não isolamos o visitante do lugar, da nossa vida com a natureza, nossas festas e crenças, pelo contrário”, lembra Manuel. Continua pendente convencer as autoridades do município para que reconheçam as contribuições dos empreendimentos familiares para o fundo comum como forma de pagamento de impostos. “Queremos que nossas contribuições para o bem comum sejam reconhecidas como contribuição para o município. Desta forma, o dinheiro permanece na comunidade. Ainda é um sonho alcançar este acordo”, diz Laura.

Colaborar invés de competir

No princípio, o setor hoteleiro de Ibarra viu uma competição no turismo vivencial com abordagem intercultural que é feito em San Clemente. Fazendo prevalecer seus preconceitos, diziam que os indígenas não eram capazes de atender adequadamente aos turistas. Manuel respondeu perguntando: “por quantos anos eles nos usaram como indígenas, servindo como uma imagem e decoração do lugar?”.

Hoje já é possível trabalhar em conjunto. Os turistas não vêm diretamente do aeroporto internacional de Quito para San Clemente, e se



Turismo vivencial

hospedam no caminho. As acomodações familiares em San Clemente recomendam certos hotéis e vice-versa. Graças ao menu oferecido por Laura e outras famílias aos visitantes em San Clemente, os hotéis da região incorporaram alimentos andinos em seu cardápio. Laura conta, “a comida andina é o que os visitantes mais apreciam”.

Não faltaram tentativas de compra de terras e investimento em hospedagem por parte de pessoas de fora da comunidade. As propriedades individuais, no entanto, não podem ser vendidos para quem não é da mesma comunidade. Isso protegeu San Clemente e a iniciativa de turismo vivencial de não ser invadida por

investidores externos.

Despertando curiosidade nos demais

San Clemente é considerada por muitos como uma referência. Para Manuel, mais do que um modelo, a experiência é o resultado de esforços de famílias e de uma forte liderança da comunidade. Houveram várias tentativas dos governos municipais e regionais para estimular empreendimentos turísticos no estilo de San Clemente. “Os apoios bem intencionados, invés de ajudar colocaram obstáculos ao progresso”, diz Manuel. “Nós em San Clemente

recebemos um acompanhamento e muitas orientações valiosas, mas a parte econômica assumimos nós mesmos desde o início. O que é muito útil para nós são os créditos grupais para resolver o problema dos chuveiros e da água quente a partir da energia solar, e também para utensílios de cozinha”.

Assim como a iniciativa está aberta para novas famílias, também é aberta para compartilhar e levar suas experiências para outras comunidades indígenas. Irmãs e irmãos indígenas vieram de muitas partes, incluindo a Colômbia, para conhecer o trabalho no turismo vivencial. O compartilhamento entre comunidades Indígena não é algo novo. San Clemente sempre

Sera un gusto compartir nuestra cultura con todos quienes nos visitan.

- Comunidad Indígena Kichwas Karankis
- Altitud: 2800 msnm.
- Temperatura: De 8° C a 22° C

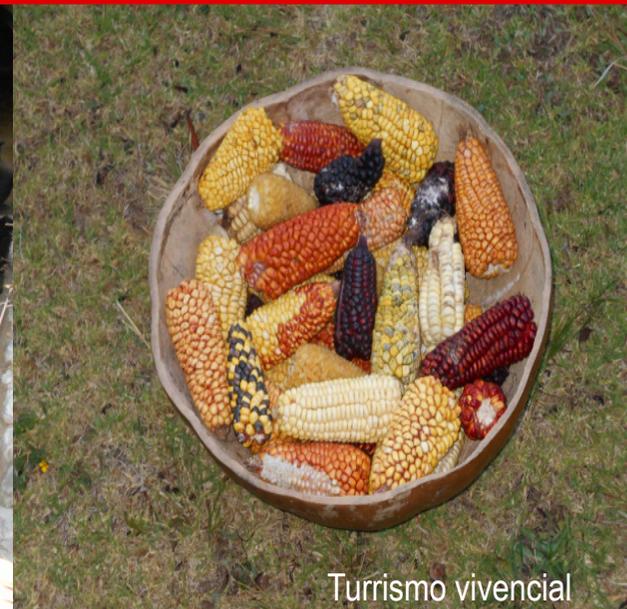
manteve relações com comunidades de outras áreas ecológicas e é comum que as famílias pratiquem trocas com seus produtos agrícolas.

Melhorando as condições de vida

“O que mais valorizamos na questão econômica”, explica Laura, “não é tanto o fato de gerar renda para o fundo familiar, mas por melhorar as condições de vida para nós e para os nossos filhos. Nós costumávamos comer muita batata quando era colheita de batatas, e milho quando era colheita de milho. Ao compartilhar as refeições com os nossos visitantes nos acostumamos a variar muito mais nossa alimentação”. O mesmo acontece com as melhorias nas habitações, na gestão ambiental, e no fortalecimento da cultura. “Tudo isso graças à vivência intercultural e às diferentes atividades das famílias empreendedoras”.

As famílias, além de terem mais conforto em suas casas, podem investir mais na educação de seus filhos. Para elas, a forma e os conteúdos de ensino na escola, mais do que fortalecer sua cultura e modo de vida, afastam os jovens de suas raízes culturais. O filho de Manuel e Laura foi o primeiro estudante universitário de Ibarra que, em vez de usar o uniforme

“O que mais valorizamos na questão econômica”, explica Laura, “não é tanto o fato de gerar renda para o fundo familiar, mas por melhorar as condições de vida para nós e para os nossos filhos. Nós costumávamos comer muita batata quando era colheita de batatas, e milho quando era colheita de milho. Ao compartilhar as refeições com os nossos visitantes nos acostumamos a variar muito mais nossa alimentação”. O mesmo acontece com as melhorias nas habitações, na gestão ambiental, e no fortalecimento da cultura. “Tudo isso graças à vivência intercultural e às diferentes atividades das famílias empreendedoras”.



Turrismo vivencial

obrigatório, frequentava as aulas com seu traje indígena. Certamente houve discriminação por parte de algum professor.

Cosmovisão andina e Mudança Climática

Manuel explica àqueles que visitam San Clemente e a área do Pukyu Pamba o calendário andino, que marca as estações em torno da cosmovisão andina, as divindades, natureza e como parte dela os seres vivos. Desta forma, fica mais fácil para o visitante entender o modo de vida de Manuel e Laura, e também das outras famílias: o sistema e a lógica do calendário são baseados na sabedoria ancestral, compreendendo os seres humanos como parte integrante da universo holístico. Alterações nas chuvas dificultam o plantio, explica Manuel. Mas também há vantagens; na horta experimental, Manuel conseguiu cultivar com sucesso amoras, pêssegos e outras frutas que anteriormente não existiam nesta área. Todas as famílias se alimentam com o que cultivam: milho, batatas, muitos tubérculos e vegetais, entre outros.

“A forma como as pessoas percebem o clima é diferente de pessoa para pessoa; para muitos visitantes, a chuva é sinal de mau tempo enquanto para nós essa chuva ajuda germinar as sementes, e quando faz muito sol, há aqueles que se queixam de muito calor, mas para nós é algo que ajuda a cultivar nossa comida”, diz Manuel.

Ajuda para aterrissar em nossa cultura

Manuel está convencido de que explicar alguns princípios básicos da cosmovisão andina é de grande importância para que os visitantes se sintam bem, e para ajudá-los a entrar em equilíbrio, integrar-se à vida cotidiana e começar a fazer parte do lugar.

No momento da despedida com Laura e Manuel, eles contam uma anedota. “Não existe internet aqui em Pukyu Pamba; mas a comunicação flui, especialmente entre as culturas; mesmo com os visitantes que não falam nada de espanhol”.



Mensagens para o futuro

- O turismo vivencial não se concentra na paisagem que nos rodeia, mas no encontro de culturas, pessoas e modos de vida. A vivência intercultural permite ao visitante conhecer o lugar, cheio de sentimentos, com seu passado e a vida das pessoas visitadas. É mais do que entregar a chave para uma casa alugada; se trata de receber, durante a sua estadia, o outro em sua vida.
- Empreendimentos familiares conseguem incluir a comunidade sem que haja uma estrutura organizativa dos empreendimentos que vise o lucro; aqueles que obtêm renda retribuem ao bem comum.
- Conhecer o mundo e outras culturas, estando em casa. O turismo vivencial abre a porta para um encontro intercultural e ajuda a família anfitriã a melhorar seu nível de vida. Não se trata apenas de gerar renda, mas melhorar a dieta e a infraestrutura em casa, mas sobretudo conhecer outras culturas sem viajar.

Texto: O texto foi elaborado, com base em conversas no local, por Jorge Krekeler, assessor de Misereor e consensuado com as pessoas visitadas. Agradecemos a Manuel Guatemal y Laura Túquerres, além de Susan Engel.

Almanaque do **Futuro**

EXPERIENCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Autor: **Jorge Krekeler**, jorge.krekeler@scbbs.net assessor de Misereor

Design: **Diana Patricia Montealegre**/Fotografias: **Jorge Krekeler**

Dados de contato sobre experiência documentada:

Manuel Guatemal, email: manuel_guatemal@hotmail.com

www.sclemente.com

Susan Engel email: susanengel2004@yahoo.com

Edição: março de 2017

Toda reprodução autorizada citando a fonte

Informações: jorge.krekeler@scbbs.net

Com o apoio de:

MISEREOR
● IHR HILFSWERK